

Apresentação

Os caminhos trilhados pela Arquivologia desde os anos 90 do século passado apontam cada vez mais para a sua configuração como campo científico. As demandas emergentes nas últimas três décadas, relacionadas aos modos de produção, conservação e uso dos arquivos em ambientes crescentemente caracterizados pelas tecnologias da informação, têm provocado diversos questionamentos pela comunidade arquivística internacional. Tais indagações envolvem uma vasta gama de temas que vão desde os objetos e métodos da Arquivologia, passam pelo perfil do arquivista contemporâneo e suas atribuições como gestor da informação e incluem os diálogos com outras áreas de conhecimento.

Não por acaso, a literatura arquivística das últimas décadas, ao contrário das anteriores, tende a refletir uma Arquivologia muito mais reflexiva do que prescritiva, vocação presente, sobretudo, nos clássicos manuais da área. Mesmo os avanços na internacionalização de normas arquivísticas não se deram sem passar ao largo de

novas formas de pensar e realizar o fazer arquivístico.

Mais do que nunca, inclusive no Brasil, abriu-se espaço para novos territórios de produção de conhecimento arquivístico como, por exemplo, as universidades. A Arquivologia não é mais apenas aquilo que se produz e é consagrado pelas instituições arquivísticas. As universidades e também várias instituições de pesquisa detentoras de acervos arquivísticos voltam-se para a geração de conhecimentos em Arquivologia.

A pesquisa na área requer não apenas novas atitudes científicas por parte da comunidade profissional, mas também formas inovadoras de produzir conhecimentos arquivísticos. Esses processos remetem-nos às maneiras pelas quais se dá a comunicação científica em Arquivologia.

Historicamente, o livro foi e provavelmente segue sendo, na Arquivologia, o principal veículo de comunicação científica. Essa característica adquire maior nitidez no Brasil, sobretudo a partir dos anos 90, com a publicação de livros, resultantes da pro-

dução de teses e dissertações com temáticas arquivísticas, produzidas pelos profissionais de Arquivologia em vários programas de pós-graduação de outras áreas (Ciência da Informação, História, Administração, etc). Esses resultados, sem dúvidas, têm sido muito interessantes para a Arquivologia. Porém, nas estatísticas oficiais do sistema governamental de ciência tecnologia do Brasil, essa produção não é associada à Arquivologia, mas a outras áreas de conhecimento.

Em qualquer disciplina científica, a produção de conhecimento tende a permanecer pouco expressiva sem programas de pós-graduação. Cabe lembrar que até 2012 não contávamos no Brasil com a pós-graduação *stricto sensu* direcionada especificamente à Arquivologia. Atualmente temos o Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos da UNIRIO e há indícios de que podemos nutrir expectativas por outras iniciativas semelhantes.

Na Arquivologia, ao contrário de outros campos científicos, o periódico parece não ter tido o mesmo protagonismo do livro. Por outro lado, apesar de aparentemente os autores da área publicarem cada vez mais em

periódicos, fazem-no com frequência em revistas de áreas afins. Isso tende a ocorrer por várias razões, no Brasil e em outros países, inclusive naqueles reconhecidos como referenciais na história do conhecimento arquivístico.

A primeira razão talvez seja a pouca quantidade de periódicos especializados em Arquivologia, especialmente no Brasil, algo a ser ainda pesquisado com o aprofundamento que o tema merece. Esse fenômeno parece guardar relações com uma Arquivologia com teores mais empiricistas, característicos da área no século XX. As dimensões disciplinares atuais da Arquivologia, cada vez mais submetidas às indagações da pesquisa e aos protocolos do sistema de comunicação científica, tendem a demandar crescentemente – não em detrimento do livro – a busca pelo periódico como um veículo de legitimação do conhecimento arquivístico.

Além da quantidade escassa, uma segunda razão refere-se provavelmente à qualidade científica de grande parte dos periódicos e sua relevância nas estruturas de comunicação científica dos diversos países. Apesar de mudanças positivas que favorecem a reversão desse quadro e permitem aos periódicos de Arqui-

vologia adequarem-se aos requisitos da avaliação científica, há um longo caminho a ser construído. Esses requisitos envolvem aspectos como o impacto dos artigos publicados em termos de citações em outros trabalhos científicos, a indexação em bases de dados internacionais, a quantidade de artigos originais, a regularidade da publicação, a normalização dos artigos e do periódico, a qualidade do corpo editorial, o perfil dos avaliadores *ad hoc*, os critérios de avaliação pelos pares, etc. Se os periódicos não responderem satisfatoriamente a esses e outros critérios, os autores na área de Arquivologia poderão ser indiretamente induzidos a submeter seus artigos a um periódico de uma área afim que conta com uma boa avaliação e maior reputação científica. Portanto, precisamos de mais, porém também de melhores periódicos, uma tarefa que exige muito não só dos editores de qualquer projeto de revista científica, mas da comunidade arquivística brasileira como um todo.

No mesmo cenário histórico no qual constatamos novas tendências na produção e comunicação de conhecimento arquivístico, observamos que a divulgação dos resultados de

pesquisas científicas em diversas áreas de conhecimento adquiriu novos contornos. As possibilidades oferecidas pela internet com os periódicos eletrônicos e seus novos métodos de editoração, ao lado dos custos crescentes com a assinatura de periódicos suscitaram, entre outros fatores, a partir da Convenção de Santa Fé (Estados Unidos, 1999), o Movimento do Acesso Livre. Tendo como referência a ideia de arquivos abertos (Open Archives Initiative) e o recurso a softwares abertos, o Movimento ganhou contornos cada vez mais nítidos na busca internacional por padrões de comunicação científica gratuita e acessível.

Por tudo isso, o lançamento de um novo periódico na área de Arquivologia como o “Informação Arquivística”, é mais do que bem-vindo. Além de buscar atender aos parâmetros fundamentais que regem a qualidade de um periódico científico, o “Informação Arquivística” nasce referido ao modelo de acesso livre e gratuito à informação científica. Mostrou-se, portanto, correta a opção pelo Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), distribuído pelo IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e

Tecnologia, que favorece a publicação de revistas on-line bem como o gerenciamento de todas as fases do processo de editoração.

Que este número seja o primeiro de muitos e “Informação Arquivística” desempenhe um papel protagonista na comunicação do conhecimento arquivístico brasileiro. A esse esforço da Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro há de corresponder o empenho, dedicação e profissionalismo dos profissionais de Arquivologia do Brasil envolvidos com a produção e difusão de conhecimento na área.

José Maria Jardim

Coordenador do Mestrado em Gestão de Documentos e Arquivos da UNIRIO